

Atos

Viagem pelo Mar da Vida (27:1–21)

O capítulo 27 de Atos é um capítulo marcante. É um relato detalhado de uma viagem de semanas que levou meses — uma aventura eletrizante com mares revoltos, naufrágio e um livramento difícil¹.

Qual foi o propósito de Lucas em incluir este trecho? Lucas amava uma boa história, mas dificilmente essa seria uma justificativa suficiente para um escritor que, normalmente, economizava palavras. A resposta provavelmente se encontra no propósito primário de Lucas na última parte do livro: contar como Paulo chegou a Roma. Logo abaixo do tema: “Como Paulo Chegou a Roma” está outro: “Como Satanás Tentou Impedir Paulo de Chegar a Roma”.

Quando Paulo escreveu à igreja de Tessalônica, ele disse: “Ora, nós, irmãos... diligenciamos, com grande desejo, ir ver-vos pessoalmente. Por isso, quisemos ir até vós (pelo menos eu, Paulo, não somente uma vez, mas duas); contudo, *Satanás nos barrou o caminho*” (1 Tessalonicenses 2:17, 18; grifo meu). Paulo havia sido impedido de ir até Tessalônica por judeus maldosos, circunstâncias desfavoráveis e por causa da distância — mas ele entendeu que estes foram

apenas instrumentos usados por Satanás.

Se Satanás não queria que Paulo voltasse à Tessalônica, quanto mais que o apóstolo chegasse a Roma! Se Paulo chegasse a Roma, ele poderia usar a cidade imperial como base de onde espalharia o evangelho para o mundo todo — e Satanás não podia tolerar isso! Já vimos o diabo usar todos os meios disponíveis para impedir Paulo de realizar o sonho de “ver Roma” (Atos 19:21): agitadores da Ásia, soldados atrapalhados, líderes judeus inescrupulosos, assassinos determinados, governantes romanos indecisos. Em tudo isso, porém, Deus esteve com Paulo. O diabo foi ferido, e não Paulo. Apesar dos melhores (talvez devesse dizer os piores) esforços de Satanás, o apóstolo estava a caminho de Roma (27:1).

Satanás admitiu a derrota? Nunca! Em vez disso, sua raiva parece ter alcançado proporções cósmicas. No capítulo 27 e na primeira parte do 28, veremos o diabo tentar qualquer coisa — de tudo — para impedir que Paulo completasse sua viagem: homens tolos, navios frágeis e a fúria da natureza² (ventos violentos, ondas revoltas, arrecifes traiçoeiros e até cobras venenosas)! Como Paulo conseguiu sobreviver a esse ataque

¹Estude esta lição e a seguinte com o mapa “A Viagem de Paulo para Roma” em mãos (no fim desta lição). ²Como muitas passagens (especialmente em Salmos) enfatizam que Deus é o Deus da natureza (incluindo tempestades), esta lição poderia incluir uma discussão filosófica da parte de Deus e da parte de Satanás nas catástrofes naturais. De acordo com o Livro de Jó, Deus *permite* as catástrofes naturais para nos tornar melhores pessoas, enquanto Satanás usa as catástrofes para tentar nos destruir física e espiritualmente. Embora este não pareça o tempo e o lugar oportunos para um assunto tão complexo, é aconselhável estar preparado para perguntas que possam surgir nesse sentido. Um ponto chave que poderia ser mostrado é que o capítulo 27 ilustra a verdade de 1 Coríntios 10:13 (e também o Livro de Jó) que Deus *limita* Satanás no que ele pode fazer — e que Deus sempre provê “um livramento”, o qual podemos usar ou recusar.

furiado? Da mesma maneira que ele resistiu aos ataques de Satanás em Jerusalém e Cesaréia: através do cuidado providencial de Deus e através de sua fé em Deus!

Os comentaristas esmeram-se em observar que “vemos um outro lado de Paulo no capítulo 27”, como se esse fosse o propósito de Lucas em relatar o episódio. É verdade que vemos Paulo num papel diferente: como líder entre homens (não cristãos). Todavia, a ênfase de Lucas não era Paulo, mas o Deus de Paulo. Como veremos, Lucas deixou claro que era *humanamente impossível* o navio sobreviver à tempestade; foi necessário que Deus interviesse. O ponto central do episódio está nos versículos 23 a 25, quando Paulo falou com seus colegas do navio:

... esta mesma noite, um anjo de Deus, de quem eu sou e a quem sirvo, esteve comigo, dizendo: Paulo, não temas! É preciso que compareças perante César, e eis que Deus, por sua graça, te deu todos quantos navegam contigo. Portanto, senhores, tende bom ânimo! Pois eu confio em Deus que sucederá do modo por que me foi dito.

O propósito de Lucas em escrever o capítulo 27 foi duplo: 1) mostrar como Deus continuou operando na vida de Paulo, e 2) demonstrar que nem as forças do inferno poderiam (e não podem) ferir os planos e propósitos de Deus. Será que isto tem alguma coisa a ver conosco? Com certeza. Satanás continua tentando nos destruir e derrotar o propósito de Deus para nossas vidas (1 Pedro 5:8). Cada um de nós precisa da ajuda de Deus para sobreviver. O capítulo 27 pode nos dar confiança para quando enfrentarmos nossas próprias tempestades nesta vida.

Quando falo de “tempestades da vida”, não me entenda mal. Lucas não estava falando

alegoricamente, por figuras, quando escreveu a respeito de uma terrível tempestade lançada contra o navio mercante rumo à Itália; as ondas eram reais, o perigo era autêntico. Apesar disso, poucos comentaristas resistem a uma comparação ou duas entre a viagem de Paulo até Roma e nossa viagem pela vida. É quase como se Lucas estivesse escrevendo sua versão de *O Peregrino*.³

Ao conduzi-lo pelo capítulo 27, gostaria que se deliciasse com ele como uma aventura emocionante. Ao mesmo tempo, quero que veja nele paralelos com a sua própria vida⁴. Como a viagem de Paulo, a maioria das nossas vidas tem dias bons e dias maus — e o inesperado pode acontecer a qualquer momento! Nesta lição, enfocaremos os “ventos contrários” e a tempestade, de modo a nos identificarmos com os problemas de Paulo. No texto bíblico, estudaremos a dramática conclusão do capítulo 27, para apreciarmos a solução de Deus.

“FIZEMO-NOS AO MAR” (27:1–3)

Paulo havia apelado para César (25:11). Em agosto de 59 d.C.⁵, os preparativos para transportá-lo até Roma finalmente estavam prontos. “Quando foi decidido que navegássemos para a Itália, entregaram Paulo e alguns outros presos a um centurião chamado Júlio, da Coorte Imperial⁶” (v. 1).

A primeira coisa que nos chama a atenção no versículo 1 é o plural “nós”. Lucas havia viajado com Paulo para Jerusalém (21:17) e viajaria com ele também para Roma! Analisando dois versículos adiante, observamos que “Aristarco... de Tessalônica”, outro amigo de Paulo que fora até Jerusalém (20:4), também estava a bordo⁷.

Somos então surpreendidos por uma triste

³O *Peregrino* é uma obra alegórica de John Bunyan escrita no século XVII, que descreve a peregrinação de seu personagem principal da Cidade da Destruição para a Cidade Celestial (São Paulo: Ed. Mundo Cristão). ⁴Ao estudarmos o texto bíblico nesta lição (e nas três seguintes), vou sugerir rapidamente muitos paralelos com a vida. Esses paralelos que falam diretamente às necessidades dos ouvintes presentes podem (e devem) ser expandidos e aplicados. ⁵Essa data, 59 d.C. concorda com a cronologia que estabelecemos (com a saída de Félix e a chegada de Festo na Palestina) e também com “o jejum” (dia da expiação), que foi tão perto do fim do ano que velejar era arriscado. Veja os comentários sobre o v. 9 mais adiante. O mês de agosto é calculado com base no v. 9. ⁶Um centurião chefiava cem homens (embora se duvide que tantos tenham acompanhado Júlio nessa viagem). A coorte era um regimento de seiscentos a mil homens. Compare isto com 10:1 e veja as observações sobre esse versículo na lição “Derrubando Paredes!”. ⁷Os estudiosos relutam com o fato de Lucas e Aristarco receberem permissão para acompanhar Paulo. Alguns estão convencidos de que Lucas e Aristarco se registraram voluntariamente como escravos de Paulo para que pudessem viajar com ele. Outra conjectura é que Lucas inscreveu-se como médico do navio e Aristarco viajou como um acompanhante de Paulo. A solução provavelmente é tão óbvia que tenha sido ignorada: Lucas e Aristarco simplesmente pagaram pelas passagens do navio. Passageiros pagavam tarifa para viajar em navios de carga (21:3). Os dois navios alexandrinos para os quais o centurião, mais tarde, transferiu os presos (27:6; 28:11) certamente tinham passageiros pagantes a bordo (27:37).

expressão: “outros prisioneiros”⁸. O grego traduzido por “alguns outros presos” significa “outros de um tipo diferente”⁹. Os outros prisioneiros provavelmente eram criminosos condenados sendo transportados para Roma para serem atirados às feras, divertindo as multidões¹⁰. Tal era o mundo cruel em que viviam.

Então, o versículo 1 nos fala de Paulo sendo entregue “a um centurião, chamado Júlio, da Coorte Imperial”. “A Coorte Imperial” tinha alguma ligação com o “Augusto” (isto é, o imperador). Alguns crêem que era uma “coorte imperial, cujos oficiais e homens viajavam pelo império escoltando e executando deveres”¹¹. Festo e os encarregados romanos locais¹² provavelmente entregaram a responsabilidade de Paulo a Júlio numa cerimônia. Vejo o governador entregando em mãos seu relatório oficial a Júlio, o portador, e explicando-lhe cuidadosamente que Paulo era um cidadão romano não condenado, com direito a um tratamento preferencial.

Encerradas as formalidades, todos subiram a bordo do navio. A seguir, desembarcaram¹³. Lucas disse: “Embarcando num navio adramitino¹⁴, que estava de partida para costear a Ásia, fizemo-nos ao mar” (27:2a). Incapaz de achar um navio que fosse para a Itália, partiram para o norte da costa, planejando mudar de barco quando achassem um que fosse para Roma. Se tudo corresse bem, chegariam a Roma até o fim de outubro.

Lucas relatou: “No dia seguinte, chegamos a Sidom” (v. 3a), uma parada para fins comerciais

a uns cem quilômetros ao norte de Cesaréia. Enquanto permaneceram no porto, a maioria dos presos tinham de continuar acorrentados embaixo do convés, mas “Júlio, tratando Paulo com humanidade, permitiu-lhe ir ver os amigos e obter assistência”¹⁵ (v. 3b) — acompanhado de um soldado, sem dúvida. Os “amigos” deviam ser companheiros cristãos (3 João 14; veja João 15:5)¹⁶. Talvez Paulo tenha conhecido esses homens em viagens anteriores pela Fenícia (Atos 12:25; 15:3) ou quando passou uma semana em Tiro, a caminho de Jerusalém (21:3, 4), ou talvez nunca os tenha visto antes. Não faz diferença; um amigo cristão é sempre (e deve ser) um amigo. Na jornada da vida, todos nós precisamos de amigos (Provérbios 17:17).

“POR SEREM CONTRÁRIOS OS VENTOS” (27:4–8)

De Sidom, “navegamos sob a proteção de”¹⁷ Chipre, por serem contrários os ventos” (v. 4). No verão, os ventos predominantes vinham do oeste, de sorte que não podiam navegar diretamente para o Mediterrâneo¹⁸. Como os navios não eram projetados para navegar contra o vento (v. 15), foram para o norte para navegar ao redor da ilha de Chipre onde estariam parcialmente protegidos.

Paulo estava a caminho de Roma conforme o propósito declarado de Deus, apesar de deparar-se com ventos contrários. O fato de você ter dedicado sua vida à vontade de Deus não significa que terá sempre dias ensolarados, com o vento

⁸Será que Aristarco era um deles? Parece improvável. Mais tarde, Paulo referiu-se a Aristarco como “prisioneiro comigo” (Colossenses 4:10); ele, também, pode ter sido preso, apelando, depois, para César. Todavia, pelo texto, Aristarco parece distinguir-se dos demais prisioneiros. Na verdade, não se sabe com certeza se o termo “prisioneiro comigo” significa que Aristarco fora preso ou que simplesmente estava confinado para servir a Paulo (veja Filemom 24, escrito na mesma época que Colossenses). Mesmo que Aristarco tenha sido um prisioneiro em Roma, não sabemos se ele já o era quando viajou com Paulo para Roma. ⁹O grego aqui é *hetero*. O grego *homos* significa “um outro do mesmo tipo”. ¹⁰Isto explicaria uma decisão posterior tomada pelos guardas desses prisioneiros; veja as observações sobre o v. 42 na lição “Sobrevivendo à Tempestade”. ¹¹John Pollock, *The Apostle: A Life of Paul* (“O Apóstolo: Uma Vida de Paulo”). Wheaton, Ill.: Scripture Press Publications, 1985, p. 274. Isto explicaria por que, apesar de ser “apenas” um centurião, Júlio tinha autoridade no navio. ¹²Possivelmente, o rei Agripa ainda estava em Cesaréia e pode ser contado entre “eles” no v. 1. ¹³Provavelmente saíram de Cesaréia, que era o principal porto marítimo da Palestina e a cidade onde Paulo esteve preso por dois anos. ¹⁴Adramitínia era uma cidade situada na costa oeste da província da Ásia, não muito longe de Trôade. Provavelmente o navio era um barco costeiro voltando para seu porto de origem. ¹⁵Lucas usou um termo médico para “obter assistência”. Será que era meramente a fraseologia de Lucas — ou Paulo precisava de atendimento médico além do que Lucas podia lhe dar a bordo? ¹⁶Mais uma vez vemos a generosidade de cristãos, ao considerarmos que a igreja de Sidom provavelmente fora estabelecida porque Paulo dispersou cristãos de Jerusalém (8:1–4; 11:19). Veja as observações sobre a visita anterior de Paulo a Tiro e Ptolemaida, na lição “Arriscando Tudo pelo Senhor”. ¹⁷O grego tem simplesmente “navegamos sob”. O termo náutico é “para o sotavento”. “Sotavento” significa “o lado para onde vai o vento”. ¹⁸O vento do oeste ajudara Paulo a fazer uma rápida viagem pelo Mediterrâneo dois anos atrás, indo para Jerusalém (veja as observações sobre Atos 21:2–4 na lição “Arriscando Tudo pelo Senhor”). Agora, ele e os demais queriam ir para a direção oposta, e o vento do oeste estava “contrário” à direção que precisavam ir.

batendo nas costas. Como todos os viajantes da vida experientes sabem, “ventos contrários” sopram de vez em quando.

Ao navegarem para o norte de Chipre, passaram por locais familiares a Paulo: “tendo atravessado o mar ao longo da Cilícia [onde ficava Tarso, a cidade natal de Paulo] e Panfília [onde ele e Barnabé aportaram na primeira viagem missionária (13:13)]¹⁹” (v. 5a). Depois de umas duas semanas de viagem²⁰, “chegamos a Mirra, na Lícia” (v. 5b), uma província no sudoeste da Ásia Menor.

Mirra era um porto principal na rota dos navios de grãos que iam do Egito para Roma²¹. Ali o centurião conseguiu achar “um navio²² de Alexandria, que estava de partida para a Itália” (v. 6a) com uma carga de trigo (v. 38). Esses navios de grãos eram imensos²³ (esse navio tinha capacidade para acomodar duzentas e setenta e seis pessoas²⁴ [v. 37] além da carga). Muitas dessas embarcações tinham contrato com o governo romano, o que dava a um representante de Roma, como Júlio, uma condição especial. Ainda desejando chegar a Roma até outubro, o centurião transferiu todos para o navio maior (v. 6b).

Navegaram para o oeste a longo da costa da Ásia Menor. As condições não melhoraram; de fato, o tempo piorou. Eles “navegaram vagarosamente muitos dias²⁵” até chegarem “com dificuldade defronte de Cnido” (v. 7a), no extremo sul da província romana da Ásia. Queriam navegar cruzando o mar até a Grécia (Acaia), “não [lhes] sendo permitido prosseguir, por causa do vento contrário” (v. 7b).

Você já teve dias “difíceis” quando nada funcionou como você havia planejado? Algumas pessoas no navio de grãos da Alexandria poderiam se identificar com você.

Novamente a proteção de uma ilha foi avistada — desta vez a ilha de Creta²⁶, muitos quilômetros ao sul. Depois de navegarem com dificuldades por mais dias, contornaram o Cabo de Salmona na ponta leste da ilha e partiram para o oeste ao longo da linha costeira ao sul, “... sob a proteção de²⁷ Creta” (v. 7c). Depois de navegarem, “costeando-a, penosamente” (v. 8a), finalmente chegaram “a um lugar chamado Bons Portos”²⁸ (v. 8b) — um porto a meio caminho da ilha. Ali ancoraram, aguardando impacientemente dia após dia que o vento mudasse.

Se você já teve de pôr os seus planos “na gaveta”²⁹ aguardando circunstâncias mais favoráveis, sabe como eles se sentiram frustrados.

“TENDO-SE TORNADO A NAVEGAÇÃO PERIGOSA” (27:9-13)

A cada dia que se passava, o alvo de chegar a Roma até o fim de outubro parecia menos atingível. “Depois de muito tempo, tendo-se tornado a navegação perigosa” (v. 9a). “A época perigosa” para navegar no Mediterrâneo era de meados de setembro até 11 de novembro. Depois de 11 de novembro, a navegação cessava até a primavera; constantemente, céus encobertos impossibilitavam a navegação³⁰. O navio estava agora no período “perigoso”; “já passado o tempo do Dia do Jejum” (v. 9b). “O Dia do Jejum” referia-se ao Dia da Expição do calendário judaico (Levítico 16:29; 23:26, 27), que em 59 d.C. caiu em 5 de outubro³¹.

Os que estavam a bordo sabiam que o tempo estava voando. A estação durante a qual viajar era impossível estava se aproximando rapidamente, de modo que os responsáveis pelo navio³² (v. 11) discutiram sobre o que fazer. Resolveram que Bons Portos não era “o porto próprio para

¹⁹É possível que tenham feito algumas paradas para fins comerciais ao navegarem ao longo da costa. ²⁰Viajar de Sidom para Mirra ao longo da costa levava normalmente de dez a quinze dias. O texto ocidental acrescenta que a viagem até ali havia levado catorze dias. ²¹Como os navios não podiam navegar contra os ventos do oeste, iam para o norte até Mirra e dali prosseguiam para a Itália. ²²O porto de origem desse navio era Alexandria, no Egito. O Egito era o principal supridor de grãos para Roma. Encontraremos outro navio de Alexandria em 28:11. ²³Um historiador da antiguidade falou de certo navio que media 60m x 14m x 13m. Josefo escreveu a respeito de outro navio desses que carregava seiscentas pessoas além da carga. ²⁴Alguns manuscritos têm 76, mas a maioria tem 276. ²⁵De Mirra a Cnido eram uns 280 quilômetros. Os “muitos dias” provavelmente foram de dez a quinze dias. ²⁶Havia cretenses presentes no dia de Pentecostes (Atos 2:11); talvez alguns tenham se tornado cristãos. Paulo trabalhou mais tarde em Creta (Tito 1:5). Os cretenses tinham uma baixa reputação nos tempos bíblicos (Tito 1:12). ²⁷Veja a nota 17. ²⁸Gosto muito desse nome: “Bons Portos”. Pode-se aplicar isto aos “bons portos” da vida — tempos e lugares de trégua temporária dos “ventos contrários” que sopram. ²⁹“Na gaveta” é uma expressão que sugere um período de espera e pode ser substituída por outra, se não for familiar a seus ouvintes. ³⁰Veja as observações sobre o v. 20 mais adiante. ³¹O fato de “já ter se passado o Dia do Jejum” confirma que o ano era 59 d.C. A data do Dia da Expição era estabelecida pelas fases da lua. Nos anos imediatamente anterior e posterior a 59 d.C., o dia da festa caía muito mais cedo, o que não concorda com a predição de desastre feita por Paulo, se continuassem a viagem. ³²O grego traduzido por “mestre” pode indicar o dono do navio. Geralmente, o dono servia como capitão.

invernar” (v. 12a): ficava aberto para o mar; o navio ficaria exposto ao tempo e parte da carga poderia molhar-se e mofar. Além disso, não havia uma cidade grande onde pudessem passar o inverno com conforto (Laséia, a cidade mais próxima [v. 8c] era pequena). Por outro lado, Fenice ficava apenas 13 quilômetros a oeste. Era uma cidade maior, com um porto protegido. Tanto eles como o navio passariam melhor ali durante os longos meses de inverno.

Quando Paulo ouviu que estavam pensando em sair de Bons Portos³³, aborreceu-se. Possivelmente, ele era “o viajante mais experiente a bordo daquela embarcação”³⁴. Lucas registrou onze viagens de Paulo pelo Mediterrâneo (sem contar com a viagem para Roma), totalizando pelo menos 5.600 quilômetros — e Paulo fez algumas viagens que Lucas não registrou: sofreu naufrágio três vezes³⁵ e passou “uma noite e um dia na voragem do mar” (2 Coríntios 11:25d). Paulo, portanto, não hesitou em dizer a todos o que ele pensava: “Senhores, vejo que a viagem vai ser trabalhosa, com dano e muito prejuízo, não só da carga e do navio, mas também da nossa vida” (v. 10).

A afirmação de Paulo era inspirada? Minha tendência é crer que suas palavras descreviam uma forte convicção baseada em suas experiências passadas: 1) Paulo não atribuiu-as a uma fonte celestial (como fez num pronunciamento posterior, no versículo 23). 2) O grego traduzido por “vejo” pode significar “perceber por experiências passadas”. 3) Os acontecimentos subsequentes não aconteceram precisamente como eles previram (não houve perda de vida; vv. 22, 44)³⁶.

Júlio, o oficial de posto mais elevado a bordo, não ficou impressionado. Provavelmente, ele pensou: “O que o senhor sabe sobre isso, sr. Fazedor de Tendas/Rabino? Se os especialistas pensam que é possível, quem é você para contrariá-los?” “Mas o centurião dava mais crédito ao

piloto e ao mestre do navio do que ao que Paulo dizia” (v. 11). Assim, “a maioria³⁷ deles era de opinião que partissem dali, para ver se podiam chegar a Fenice e aí passar o inverno, visto ser um porto de Creta, o qual olhava para o nordeste e para o sudeste³⁸” (v. 12b).

Se há um exemplo clássico de como tomar más decisões na vida, aqui está ele: ignore o conselho dos justos (Provérbios 1:5; 19:20; Apocalipse 3:8); escute os “especialistas” mais preocupados com lucro e prazer do que com pessoas e princípios (Provérbios 12:5; 1 Coríntios 3:18–20); e siga a maioria (Êxodo 23:2; Mateus 7:13).

Observe que Paulo não teve culpa nas consequências desastrosas que se seguiram, mas, sim, os outros. Às vezes, trazemos a tempestade para cima de nós (Jonas 1:12), mas às vezes outros são os culpados. Podemos sofrer não por causa de um mau julgamento pessoal, mas porque — assim como Paulo — somos preteridos.

À primeira vista, pareceu que a maioria havia tomado uma excelente decisão — esperar pela mudança do vento. “Soprando brandamente o vento sul, e pensando eles ter alcançado o que desejavam, levantaram âncora e foram costeando mais de perto a ilha de Creta” (Atos 27:13). A vida sempre acalma antes que a tempestade sobrevenha.

“DISSIPOU-SE TODA A ESPERANÇA” (27:14–21)

A poucas horas do destino, um desastre lhes sobreveio. “Desencadeou-se, do lado da ilha [das montanhas cretenses], um tufão de vento, chamado Euroaquilão” (v. 14). “Euroaquilão” era o nome que os marinheiros davam a uma “nordestia”³⁹ [i.e., vento ou tempestade] parecida com um tufão⁴⁰. Empurrado pelo vento para longe da proteção de Creta, o navio não teve acesso a mais nenhum porto, somente ao mar aberto. “Sendo o

³³Não sabemos como ele ouviu. Talvez ele tenha participado da reunião. Talvez a notícia tenha sido passada por todo o navio. Como, mais tarde, ele demonstrou que seu protesto era contra todos os que estavam a bordo (v. 21), talvez ele tenha ouvido um aviso público, ao qual respondeu registrando seu protesto a todos os que ouviam. ³⁴William Barclay, *The Acts of the Apostles* (“Os Atos dos Apóstolos”), The Daily Study Bible Series, ed. rev. Filadélfia: Westminster Press, 1976, p. 182.

³⁵Isto é fantástico. Se eu tivesse passado por três acidentes aéreos, seria difícil me colocarem num quarto avião!

³⁶Obviamente, certa vez Deus anunciou um desastre e depois modificou o ocorrido em resposta a oração (por exemplo, Números 14:11–24). ³⁷Seria a maioria dos que estavam na reunião ou a maioria dos que estavam a bordo do navio? Como Paulo, mais tarde, parece ter censurado todos a bordo (v. 21), talvez os encarregados tenham perguntado a cada um o que achavam da decisão de ir para Fenice e tenham sido endossados pela maioria. ³⁸Os termos gregos aqui são ambíguos, mas não precisam nos preocupar. A idéia de Lucas era que o porto era protegido das rajadas de inverno. ³⁹“Euroaquilão” é uma palavra híbrida formada pela palavra grega para “vento do leste” com a palavra latina para “vento do norte”. A ERC usa a ortografia “euro-aquilão”, mas o significado é o mesmo. ⁴⁰O grego traduzido por “violento” é uma forma da palavra de onde provem “tufão”.

navio arrastado com violência, sem poder resistir ao vento, cessamos a manobra e nos fomos deixando levar” (v. 15). O navio estava a mercê do vento e das ondas.

Depois de serem levados para o sudeste durante horas, passaram “sob a proteção de uma ilhota chamada Cauda” (v. 16a). Aproveitando a momentânea calmaria, todos trabalharam fervorosamente para deixar o barco o mais navegável possível. Até Lucas pôs as mãos à obra para ajudar a resgatar o bote salva-vidas que havia sido empurrado para trás do navio. Recordando a luta (e talvez suas bolhas), disse ele: “a custo conseguimos recolher o bote” (v. 16b)⁴¹.

“Levantando este [o bote], usaram de todos os meios para cingir o navio” (v. 17a). Para isso, usaram “cabos” (v. 32) que eram cordas ou correntes colocadas em volta do corpo do navio e amarradas com manivelas para segurar o barco durante a tempestade⁴². Então, “temendo que dessem na Sirte, arriaram os aparelhos” (v. 17b). “Sirte” eram arrecifes que se estendiam costeando o norte da África — um cemitério naval temido pelos marinheiros. Embora essa região ficasse vários quilômetros ao sul, sabiam que um navio podia ser arrastado numa tempestade a uma grande distância⁴³. “Arriaram os aparelhos”⁴⁴ [i.e., “baixaram âncora”], esperando que isso fosse diminuir a velocidade do navio. Até aquele momento, o navio havia sido levado para além da proteção da ilhota; nada podiam fazer senão uma coisa: “foram ao léu” (v. 17c), ou seja, se deixaram levar.

Pode-se aprender uma lição com esses experientes marinheiros: quando uma tempestade atingir a sua vida, faça o que puder para minimizar o prejuízo, “corra as escotilhas”⁴⁵ e se prepare para sobreviver à tempestade.

Se os que estavam a bordo tinham esperanças de que a tempestade logo iria embora, ficaram

desapontados. “No dia seguinte”, eles ainda fora “açoiados severamente pela tormenta” (v. 18a). Coloque-se no lugar deles. Ouça os ventos uivantes, as balizas rachando, as cordas esticadas. Veja as nuvens escuras rodopiando, as ondas revoltas molhando todo o convés. O navio se movimentava para cima e para baixo no mar furioso e você luta para manter os pés no chão. O jato salgado respinga no seu rosto e você engole água do mar. Tempestades são terrivelmente reais — quer seja no mar quer seja na vida.

Tempos de desespero exigem medidas de desespero. “No dia seguinte, já aliviavam o navio” (v. 18). A subsistência deles dependia da carga, mas estavam mais preocupados com a vida do que com a subsistência. “E, ao terceiro dia, nós mesmos, com as próprias mãos, lançamos ao mar a armação do navio”⁴⁶ (v. 19). Para aliviar o navio, eles atiraram ao mar tudo o que absolutamente não precisavam⁴⁷.

A tempestade continuou: “E, não aparecendo, havia já alguns dias, nem sol nem estrelas...” (v. 20a). Não havia compasso naqueles dias, nem sextante para calcular sua posição. A navegação dependia do sol, de dia, e das estrelas, à noite. Por tudo o que sabiam, podiam encalhar em Sirte a qualquer momento, ou colidirem com um arrecife escondido.

Por quase duas semanas, a tempestade açoiou o navio e seus ocupantes, até que ambos estavam prestes a sucumbir. Lucas escreveu: “E, não aparecendo, havia já alguns dias, nem sol nem estrelas, caindo sobre nós grande tempestade, dissipou-se, afinal, toda a esperança de salvamento” (v. 20b).

Este é o ponto mais baixo da história. Os homens estavam ensopados, entorpecidos de frio, muitíssimo exaustos, enfraquecidos de tanta fome. “Havendo todos estado muito tempo sem comer” (v. 21a); “a tempestade os privou dos

⁴¹O pequeno bote poderia naufragar ou ser partido em pedaços se o deixassem na água, e ele poderia ser necessário mais tarde, para atingirem o litoral. Quando foi puxado, já devia estar parcialmente danificado. ⁴²Não sabemos exatamente em que posição os cabos foram colocados ou que método foi usado para darem volta no corpo do navio, mas existem muitas possibilidades fascinantes. ⁴³Antes de chegarem à terra, foram levados 800 quilômetros para o oeste. Os arrecifes de Sirte ficavam muito mais ao sul do que isso. ⁴⁴O grego traduzido por “arriaram os aparelhos” tem vários significados. É a mesma palavra usada no v. 19: “a armação” (veja a nota de rodapé 47 abaixo). As opiniões diferem quanto ao que a palavra significa no v. 17. Alguns pensam que os marinheiros baixaram a vela grande, uma vez que essa é a praxe durante uma tempestade. ⁴⁵“Correr as escotilhas” é um termo náutico que significa “cobrir e manter fechadas todas as aberturas do convés [com escotilhas]”. Como uma figura de linguagem, significa “garantir ao máximo a segurança”. ⁴⁶Poucos manuscritos têm “com nossas próprias mãos”, mas a maioria tem “com suas [deles] próprias mãos”. ⁴⁷O grego traduzido por “armação” é às vezes usado no Novo Testamento com referência a móveis da casa (Mateus 12:29; Marcos 3:27; etc.). Além de atirarem para fora a carga excedente, também posso ver a tripulação jogando mesas, cadeiras e cômodas ao mar.

meios, do tempo e da vontade de preparar ou comer as refeições regulares”⁴⁸. Observe que Lucas incluiu-se nesse retrato de desespero: “Finalmente [nós] perdemos toda esperança de salvação” (v. 20; NVI; grifo meu). Será que o pronome oculto “nós” também incluía Paulo? Talvez. Quando o anjo apareceu a Paulo, ele o admoestou: “Não temas” (v. 24a). Até os mais fortes podem cair de joelhos quando abatidos por uma tempestade suficientemente forte e duradoura.

Alguns de vocês sabem o que é patinar no casamento, encalhar nos arrecifes do sofrimento, afundar nos mares agitados do fracasso, ver-se fora do curso emocional e espiritualmente. Vocês sabem o que é atravessar dias sem ver uma luz. Vocês, também, já caíram de joelhos.

CONCLUSÃO

Que ponto mais triste, e até estranho, para encerrarmos esta lição: “dissipou-se, afinal, toda a esperança de salvamento” (v. 20c). Mais tarde, veremos como Deus refez a esperança e efetuou o resgate desses homens. Por enquanto, precisamos analisar o sentimento de desespero que pode nos sobrevir quando somos açoitados pelas tempestades contínuas da vida.

Num estado mental como esse, geralmente clamamos: “Por quê? Senhor, por que Tu permites essas tempestades?” Olhando mais em frente, no fim da história, podemos dar algumas respostas relativas à razão de Deus ter permitido que Paulo acabasse numa tempestade. Sobreviver à tempestade provavelmente deixou Paulo mais forte na fé. Ele teve mais uma demonstração dramática de que Deus cuida dos Seus. Além disso, a tempestade deu a Paulo oportunidades que ele não teria de outra maneira. Por exemplo, ele teve a oportunidade de mostrar sua confiança no Senhor. (Incrédulos estão sempre observando como você reage a uma tempestade.) Paulo teve até a oportunidade de falar a 273 pagãos a respeito do verdadeiro Deus! Provavelmente — depois de estarem a salvo em terra — estavam até prontos para ouvir a respeito de Jesus. No fim, a tempesta-

de beneficiou tanto a Paulo como aos demais. Observe, porém, a expressão “no fim”. Enquanto a tempestade estava caindo furiosamente, esses benefícios *não* eram tão óbvios. Da mesma forma, quando tribulações nos sobrevêm, às vezes é difícil ver como pode haver algo de bom nos problemas.

O que fazer quando somos quase destruídos pela tempestade? Faça como Paulo fez (v. 24): ore como nunca orou antes (Filipenses 4:6; Tiago 5:13) — e confie no Senhor que sabe mais sobre tempestades do que jamais saberemos (2 Coríntios 1:9, 10; 2 Timóteo 1:12).

Deixe-me encerrar com a história de um homem que aprendeu a confiar no Senhor: Em 1873, um homem de negócios de Chicago, Horatio G. Spafford, decidiu levar sua família para a Europa de férias. Ele reservou as passagens num navio francês, mas na última hora, os negócios o impediram de ir. Colocou a esposa e as quatro filhas no navio, planejando juntar-se a elas mais tarde, na Europa. Em 22 de novembro o navio colidiu com outra embarcação. Em doze minutos, o navio afundou nas profundezas do oceano, matando 226 pessoas, incluindo as quatro filhas do sr. Spafford. Nove dias depois, quando os sobreviventes chegaram à Inglaterra, sua esposa enviou-lhe uma mensagem de duas palavras por cabograma: “Salva sozinha”. Imediatamente, ele comprou uma passagem para outro navio com destino à Inglaterra, a fim de estar com a esposa. Numa noite, o capitão o chamou na cabine de comando e disse: “Até onde sabemos, estamos sobre o local em que o navio naufragou com suas quatro filhas”. Spafford voltou à sua cabine. Ali, no “vale da sombra da morte”, ele escreveu uma canção que, há anos, tem consolado a todos nós:

Se paz a mais doce me deres gozar,
Se dor a mais forte sofrer,
Oh! seja o que for, Tu me fazes saber
Que feliz com Jesus sempre sou!⁴⁹

Seja o que *for*, quando você “sofrer a dor mais forte”, oro para que consiga dizer: “Feliz com Jesus sempre sou”⁵⁰. ❖

⁴⁸Orrin Root, ed. *Standard Bible Commentary: Acts* (“Comentário Bíblico Padrão: Atos”). Cincinnati, Ohio: Standard Publishing Co., 1966, p. 196. ⁴⁹H.G. Spafford, “Sou Feliz”. *Cantor Cristão*, n. 398. Rio de Janeiro: Juerp. s.d. ⁵⁰Se usar esta lição num sermão, enfatize que as tempestades vêm sobre crentes e descrentes igualmente. Os ouvintes podem ser encorajados a tornar-se cristãos quando souberem que os crentes têm recursos que os descrentes não possuem para passar por tempestades.

A Viagem de Paulo para Roma

Tendo sido salvo pelos soldados romanos de um motim dos judeus (Atos 21), Paulo ficou em custódia em ❶ Jerusalém e foi transferido para ❷ Cesaréia. Ali, Félix ouviu o caso de Paulo, mas jamais tomou uma decisão (Atos 24). Dois anos depois, quando Festo substituiu Félix, Paulo apresentou seu caso novamente (25:1–10). Quando Festo decidiu entregar Paulo aos judeus, ele apelou para César (25:11). Durante sua espera para ser transportado para Roma, teve a oportunidade de falar com Agripa II sobre sua prisão por causa de Cristo (Atos 26).

Paulo e seus companheiros (incluindo Lucas) partiram para Roma de ❸ Sidom, sob uma escolta armada (27:1–3). Mudaram de navio em Mirra, na Lícia (27:5, 6). Sob mau tempo, o navio chegou a Bons Portos, na ilha de ❹ Creta, onde os viajantes ficaram sob proteção até setembro — o fim da estação segura para navegar. Tentaram chegar a Fenice para ali passar o inverno, usando a proteção da ilha de Cauda (27:16); mas foram jogados pelo vento para o oceano (27:17). ❺ Depois de atirarem a carga e a armação do navio ao mar (27:18, 19), finalmente encalharam na ilha de ❻ Malta (27:41). Embora o navio tenha sido destruído, todos a bordo se salvaram (27:44). Em Malta, Paulo sobreviveu à picada de um cobra venenosa (28:3–5) e passou os próximos três meses ali curando os enfermos (28:8–11). Quando o tempo bom para a navegação voltou, o grupo arranhou um outro navio e navegou para Siracusa (28:12). Depois de três dias, navegaram até Régio e ❼ Putéoli, um dos grandes portos do Império Romano. Paulo e seus amigos receberam permissão para ficar com os cristãos daquela localidade por uma semana. Depois, partiram para a viagem de 160 km até Roma. ❸ Paulo ficou animado com as boas-vindas que recebeu ao longo da viagem. Em ❹ Roma, Paulo foi mantido sob guarda numa casa alugada por dois anos. Durante esse tempo, gozou de uma considerável liberdade para receber hóspedes e pregar (28:30, 31).

